

# DESENHO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO?!

Katia Salvany

---

Artista Plástica, Doutora em Artes pela ECA-USP  
Professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

**A**nalisar a produção em desenho hoje requer fôlego e múltiplas abordagens, no entanto, há aqueles que insistem em situá-lo apenas como registro da realidade, por sinal sempre bela e harmônica, enquanto outros afirmam seu papel expressivo de um sentimento que se traduz no traço – como se a característica autográfica do desenho funcionasse como um sismógrafo conectado diretamente às emoções abissais inconscientes, simples assim! Desenho como registro e desenho como expressão são formas corriqueiras de entendimento do desenho, ainda que válidas, mas são definições um tanto desatualizadas dessa manifestação artística que se aproxima hoje de outros territórios antes impensados ao seu alcance, entre eles a escultura, a performance, a fotografia, o vídeo, a instalação e os meios digitais.

A essas possibilidades de acontecimento do desenho, soma-se uma outra complexidade que diz respeito a sua “contemporaneidade” – e aqui

o termo se aplica não estritamente ao tempo cronológico, pois muito do que vemos hoje estabelece conexões diretas com produções de outros tempos, adensadas com outras camadas próprias do século XXI, entre elas, todas as tensões acrescidas pela biotecnologia, em especial os estudos do genoma. Cito por exemplo, a geneticista da Universidade da Califórnia, Jennifer Doudna, coinventora de uma tecnologia conhecida como CRISPR-Cas9 que permite cortar com precisão, remover e substituir sequências inteiras de DNA por outras mais adequadas às funções desejadas. Essa nova tecnologia estará disponível na próxima década e segundo a cientista, tornou-se urgente reavaliar as implicações éticas e sociais que tal tecnologia inescapavelmente vai impactar, seja no campo do tratamento de doenças genéticas ou no controverso uso desse conhecimento para a criação de bebês geneticamente manipulados.

Com isso em mente, como pensar qualquer experimentação artística

em desenho hoje, cujo tema se avizinha ao corpo e as representações deste, sem considerar a instabilidade de sua forma ou a possibilidade da clonagem ou hibridização de corpos, plantas, animais e até mesmo objetos ou coisas inanimadas, em uma verdadeira “assemblage” - uma prática já explorada nos desenhos de demônios, criaturas híbridas míticas e nos livros de bestiários desenhados e pintados à mão durante a idade média, antes mesmo da invenção da imprensa, oriundas do mundo fantástico e assombradas de mistérios, ilustrações das tentações e dos castigos, tendo como pano de fundo o cultivo ao medo do desconhecido como estratégia de controle e poder, principalmente, por parte da igreja.

Incertezas existirão sempre, mas os artistas hoje exploram esses desenhos devires com maior autonomia, não mais para assombrar mas para lançar novas luzes e acender o debate sobre as questões de gênero, raça, violência, tolerância, vigilância entre outros temas complexos da contemporaneidade. Neste contexto, encontramos os inquietantes e sedutores desenhos de corpos de mulheres/homens (figs. 1 e 2) de Thiago Hattner (São Paulo, 1990-), já Rodolpho Parigi (São Paulo, 1977-) realiza desenhos híbridos, feitos à lápis de cor, onde corpos e plantas misturam-se e Sandra Cinto (Santo Andre, 1968-) em um desenho que parte de uma imagem feita em seu braço, expande o desenho, ocupa paredes, móveis e objetos em instalações que dialogam com o espaço expositivo.



**IMAGEM 1 (ESQUERDA):** Thiago Hattner, “Sem título”, desenho sobre papel, 150 X110 cm, 2015



**IMAGEM 2 (DIREITA):** Thiago Hattner, “Sem título”, lápis e acrílica sobre tela, 160 X170 cm, 2015, (detalhe)

Diante dessa multiplicidade de experimentações é preciso pensar o

desenho em uma outra chave de entendimento, onde o plural, o desvio, o erro, o apagamento, os atravessamentos e as fusões de imagens acrescentam outras camadas de sentidos e propõem outras tantas e multirreferenciais formas, harmônicas à sua maneira.

Para finalizar, questiono se diante da rapidez ao acesso das informações sobre diversas áreas do conhecimento, inclusive a artística, é possível crer que exista algo que diferencie uma

produção brasileira da estrangeira? Será vital exaltar uma brasilidade em detrimento de uma abordagem que aponte a peculiaridade das produções artísticas? Talvez seja justamente neste ponto que devemos focar e assim tentar mapear as distinções, não para validar ou justificar certa dose de “brasilidade” mas, principalmente, para entender o modo de investigar o desenho dentro de um contexto cultural, político e geográfico que nos torna “verdes e amarelos”, mesmo que não nos apercebamos.